



FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: O CAMELO, O LEÃO E A CRIANÇA

Rodrigo Mafalda¹/UFSC

Resumo: Para além do tema da formação, penso a transformação e a pluralidade, e o aperfeiçoamento do espírito humano. No interior da Filosofia da Educação, no *discurso* da educação, na *teoria* da educação e na *pedagogia*, tendo como orientação a filosofia nietzschiana. A importância de Nietzsche para o pensamento moderno não pode, decerto, ser reduzida a uma única ideia ou ponto interpretativo. Neste sentido, não devemos subestimar e evitar algumas das nuances do seu pensamento, considerando como representativo cada um dos três principais períodos da sua filosofia, contra e a favor da tradição. Em primeiro lugar, a juventude do filósofo e as conferências: *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*, isto é, observando o estatuto próprio do “*discurso*”, e *Da retórica* como subsídios para imaginar inúmeros exercícios de construção de um discurso nietzschiano para a educação atual; também a partir do mestre Zarathustra: na metáfora do *camelo*, do *leão* e da *criança*. Depois do discurso, na metáfora do *leão*, a *teoria de Nietzsche* sobre educação: as inúmeras aparições e derivações da fórmula de “*como tornar-se o que se é*”. Isso serve como base crítica para as reflexões sobre a formação do formador e vai para além dos discursos de juventude. E a partir da figura da *criança*, enfim, penso o estatuto da própria pedagogia como um conceito plural e indeterminado, que expressaria na função e no uso estratégico das metáforas o ensaio de uma *grande pedagogia*, tendo em vista a metamorfose da *criança* como o estágio de criação alegórica.

Palavras-chave: Discurso. Teoria da educação. Pedagogia.

1. Introdução

Na educação, na perspectiva da filosofia da educação, o tema da formação é central. O filosofar é um ato pedagógico. Por isso na pesquisa em que trabalho, sobre Nietzsche e a educação, concentro esforços sobre o problema e a prática do ensino.

¹ Grupo de pesquisa Bio-grafia/Nietzsche. Linha de pesquisa: Filosofia da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-SC, Brasil. E-mail: mafalda.rodrigo2@gmail.com.

Revista GepeVida 2018

Para isso, abordo o filósofo e o tema da formação/transformação sobre três perspectivas principais encontradas na filosofia da educação: o discurso, a teoria da educação e a pedagogia. *A grande pedagogia em Nietzsche: o camelo, o leão e a criança*: este é o título e as metáforas pelas quais procuro orientações para pensar o discurso, a teoria da educação e a pedagogia em Nietzsche. O que procuro fazer é atualizar para o nosso contexto a força e o sentido do discurso, da teoria da educação e da pedagogia, através da filosofia nietzschiana.

Na filosofia de Nietzsche, o *camelo*, o *leão* e a *criança* aparecem no início do primeiro livro da obra *Assim falou Zaratustra*, escrita entre 1883 e 1885. Zaratustra, como um tipo de registro metafórico das metamorfoses do espírito (da espiritualização e do refinamento humano). Do espírito que em tese deixou de ser apenas cativo e gregário. São figuras enigmáticas do texto nietzschiano, que aparecem como guias dos primeiros discursos do mestre Zaratustra. Essas metamorfoses preservam algumas distinções e perspectivas importantes que podem servir como orientações da filosofia da educação em Nietzsche. São metáforas conhecidas da área. Não por acaso este é o livro onde também encontramos os conceitos principais do filósofo: o *Além do Homem*; o *Eterno Retorno* e a *Vontade de Potência*. O próprio personagem Zaratustra é o ícone de mestre/educador e *Das três metamorfoses* é o pressuposto onde muitos filósofos da educação analisam a concepção de Nietzsche sobre formação/transformação, educação e cultura. São os temas de interesse que visam à historicidade e a fundamentação, os aspectos formativos da filosofia, nas dimensões ética, estética e epistemológica da/na educação.

Porém, é importante ressaltar que nem sempre é possível generalizar e relacionar a figura central de Zaratustra e o que Nietzsche pensou explicitamente sobre formação, educação e cultura na juventude (são dois tipos de discurso). Isto é, nem sempre é possível relacionar os temas sobre o que ele escreve nas cinco conferências sobre educação na juventude com os demais períodos da sua filosofia. No entanto, quero ressaltar a importância do debate sobre formação, educação e cultura diferenciando, por vezes e quando necessário, cada um dos períodos, justamente, e para ressaltar uma destas perspectivas filosóficas: do discurso, da teoria da educação e das diversas pedagogias encontradas em Nietzsche.

2. Metodologia

Metodologicamente, o texto segue a interpretação de Nietzsche para cada metáfora. Na figura do *camelo*, temos a configuração e as condições para a construção do discurso dentro dos parâmetros das pesquisas de Nietzsche sobre os estabelecimentos de ensino e a cultura da Alemanha da época; no espírito do engajamento e da extemporaneidade (no tempo, fora do tempo, isto é, procurando a atualidade dos discursos sobre educação). Neste primeiro texto, o trabalho relaciona a carreira do jovem Nietzsche como filólogo/professor, e os escritos deste período de juventude sobre formação, educação e cultura, sem perder de vista o debate teórico sobre a linguagem (o discurso como formação e a formação como discurso). Nesta primeira perspectiva, ou etapa do *camelo*, o interesse de pesquisa mira à importância do ensino, da escola e da importância da formação do gênero do discurso na formação de formadores. Compreende-se assim o discurso e a noção nietzschiana da origem da linguagem como uma questão preliminar ao discurso de Nietzsche sobre formação, educação e cultura, em contrapartida ao âmbito antropológico e retórico da linguagem que aparece um pouco depois, em textos como *Verdade e Mentira no sentido extramoral*, de 1873.

Dos discursos de Nietzsche no *Zaratustra*, penso o *Das três metamorfoses* como chave de interpretação geral das conferências de Nietzsche na juventude sobre formação, educação e cultura: a partir da figura do *camelo*, a importância da *Bildung* (formação, educação e cultura). Já na chave do filósofo do espírito livre, traduzo a força extraordinária do *leão* como metáfora principal da fórmula nietzschiana de *como tornar-se o que se é*.

Deste ponto em diante, importa a discussão sobre a *Bildung* e a singularidade, destacando o vínculo fundamental entre o indivíduo e a cultura. Assim o *como tornar-se o que se é* relaciona-se também, e criticamente, aos conceitos de vivência (*Erlebnis*) e de experiência (*Erfahrung*).

Depois, enfim, a *Züchtung* (o cultivo), no espírito da *criança*, aparece como referência da *grande pedagogia*, no qual aplico a função estratégica da metáfora na filosofia de Nietzsche, a partir do poder da linguagem em relação aos instintos,

justamente, sem menosprezar o saber figurativo de *Assim falou Zaratustra*. E do ponto de vista pelo qual Nietzsche insiste sobre o *caráter antropomórfico* do conhecimento e no modelo *metafórico* e *ficcional* de toda linguagem, por vezes, onde aparece a figura da criança e o pensar como criação (da linguagem como potência).

3. Resultados

- Destaca-se da metáfora da *criança* a influência da terminologia da filosofia da orientação de Werner Stegmaier (2013); o protótipo do comunicar intercultural e interindividual, na medida em que se estabelece na forma de uma “margem de manobra” (*Spielräume*). Assim, caracterizo a metáfora como “fluxo”, e classifico a “rigidez” e a “fixidez” como propriamente conceitual, ainda que nesse panorama classifica-se a metáfora vinculada ao termo *Fluktuanz* (substância em fluxo).

- Assim, com a hipótese das três metamorfoses, deve-se reconhecer tanto o elogio a *Schopenhauer como educador*, que Nietzsche escreve na época da juventude, quanto destacar os desfechos decisivos da árdua tarefa de *tornar-se o que se é*. Assim, relaciona-se a difícil tarefa do professor/formador e a relação trágica do *cultivo* na imprescindível tarefa do aluno em *tornar-se o que se é*.

- Portanto, compreende-se a importância e o grau de potência do espírito diante da linguagem do mestre: no espírito do *camelo*. E o espírito do *leão* e da *criança* no grau da independência de qualquer influência e finalidade. No entanto, uma qualidade implica outra qualidade.

4. Discussão

Primeiramente, a discussão é metodológica. Não devemos confundir o camelo, o leão e a criança diretamente com o discurso, a teoria e a pedagogia de Nietzsche, como três linhas separadas. Não sabemos o que são essas imagens em relação aos escritos e à vida do filósofo, mesmo que em algum momento isso apareça como interpretação. O que pretendo suscitar é um discurso, uma teoria da educação e uma pedagogia em Nietzsche - para pensar estes campos na filosofia da educação -, seguindo agora no espírito das três metamorfoses: do camelo, do leão e da criança.

Antes de qualificar a tese pensei em restringir o discurso de Nietzsche sobre educação a partir das conferências de juventude do filósofo, diferenciando-se do lugar da teoria da educação a partir dos escritos como um todo. Com isso, iria propor uma pedagogia nietzschiana independentemente do discurso e da teoria da educação em Nietzsche, tendo em vista a exclusividade de cada abordagem. Inclusive sem questionar as inúmeras pedagogias em Nietzsche, pois não imaginava ainda relacionar diretamente qualquer analogia do espírito da metáfora com a criança. Porém, a “pedagogia zaratustriana” transformou-se na grande pedagogia em Nietzsche. No entanto mantenho, como vimos, um discurso do filósofo sobre a cultura e a educação na juventude, a dimensão teórica na fórmula de como tornar-se o que se é pensando o debate educacional e a importância do debate teórico da metáfora (da linguagem) para pensar uma pedagogia nietzschiana: agora como grande pedagogia.

O que percebi com a qualificação? Que era impossível desenvolver um discurso sobre educação sem levar em consideração a teoria do discurso de Nietzsche na juventude, sem considerar os aspectos pedagógicos do discurso sobre educação e as questões da linguagem na própria formação do pensamento do filósofo. Por isso, resolvi reunir essas três perspectivas para avaliar e distinguir as três metamorfoses do espírito. Isto é, um discurso, uma teoria da educação e uma pedagogia: do camelo, do leão e da criança. Essa é a diferença.

Assim, o camelo, ou as questões do discurso, o leão, ou como tornar-se o que se é como teoria, sem deixar de propor o uso pedagógico da metáfora a partir do espírito da criança, valorizando então, positivamente, a invenção e o pensar como criação e como processo de potência/dominação hierárquica dos instintos de cada um.

Porém, preciso esclarecer melhor um discurso, uma teoria da educação e uma grande pedagogia em Nietzsche, reconhecendo que para cada metáfora temos discursos, teorias e pedagogias afins (que na totalidade não vou abranger). A tese é recuperar o que temos das pesquisas sobre educação nessas três dimensões, classificando: o que é discurso, teoria da educação e pedagogia em Nietzsche, para pensar melhor cada uma destas abordagens na formação de formadores e a partir da filosofia da educação.

Nessa abrangência toda, tanto as abordagens educacionais quanto as antieducacionais de Nietzsche podem ser revisitadas como discursos, como problemas

teóricos e como pedagogias, independentemente da afirmação ou negação imediata sobre formação, educação, cultura e escola; ou de Nietzsche como educador. Justamente por incentivar algumas das suas teses para pensar a escola, mesmo quando interpretamos Nietzsche contra a educação, a formação, a cultura e a escola tradicional. Reinterpretando, por exemplo, o sentido de “formação” como pura “transformação” e “metamorfose”, ao que corresponderia: “a capacidade de ser, a cada momento, aquele que nos tornamos”, como podemos ver com Silvia Pimenta Velloso Rocha (2006)².

Pedagogicamente, o que nos interessa, no entanto, são as performances e estratégias de exposição e escrita. Por isso, perguntaríamos, com Masschelein e Simons, e conforme Rabinow e Rose “se é possível desenvolver um tipo de pensamento crítico que não julgaria [...] mas criaria, produziria, intensificaria as possibilidades dentro da existência”.³

Afinal, vale lembrar que a criação e a intensificação são características preponderantes deste filósofo, talvez mais do que qualquer outro. Obviamente que em qualquer contexto da filosofia da educação existem tendências a favor e contra a escola, a favor e contra a educação; em todos os casos, a favor e contra uma determinada formação e cultura. Isto é, contra uma determinada semiformação, contra uma determinada pseudocultura, por vezes tradicional, por vezes moderna; contra um determinado discurso de orientação humana; contra uma determinada teoria: antiga, medieval, moderna e pós-moderna. E assim, independentemente da tomada de posição, encontraríamos os subsídios e os problemas para pensar a formação, a educação e a cultura, apresentando os seus prós e os seus contras, discursivamente e teoricamente, conforme o filósofo e através dele.

² No seu artigo intitulado *Tornar-se quem se é: educação como formação, educação como transformação*, em que a vida é o percurso no qual alguém se torna (vai se tornando, não cessa de se tornar). Onde a *transformação* é traduzida em detrimento da *formação* no sentido tradicional e essencial. Na mutação constante onde: “O encontro fortuito com as circunstâncias de uma vida vão instituindo um eu – reinvenção que tem um caráter sempre aberto, provisório, contingente” (ROCHA, 2006. p. 270). No contraponto recorrente e entre duas metáforas principais: o bloco de pedra sobre o qual o escultor trabalha como sólida formação, e o círculo como metáfora do devir, que não tem início ou fim; quando então, coloca-se Aristóteles de um lado e Nietzsche do outro. Aqui compreende-se também: o camelo, o leão e a criança.

³ Cf. Rabinow; Rose, 2004, p. 18. Citados por MASSCHELEIN e SIMONS. Elogio da escola /organização: Jorge Larrosa; tradução Fernando Coelho – 1. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. – (Coleção Educação: Experiência e Sentido), p. 164.

Pedagogicamente? Ora, como vimos acima, que se procure desenvolver um tipo de pensamento que não apenas julgue, mas que crie, produza, intensifique as possibilidades dentro da existência. Neste caso, como grande pedagogia e a partir do uso estratégico da metáfora. ⁴

Este tipo de perspectiva nem sempre aparece explicitamente condicionado ao que disse o filósofo x ou y sobre os conceitos de formação, educação e cultura. Neste sentido, o efeito Nietzsche na educação, defendemos, vai para além do que Nietzsche expressou sobre o tema da educação explicitamente (nas conferências de juventude) e pode servir como conhecimentos pertinentes para a educação na América Latina.

Portanto, uma coisa é pensar e propor um discurso de Nietzsche sobre cultura e educação; isto é, no espírito da própria formação do jovem Nietzsche, a partir da publicação da sua primeira obra e das suas “Considerações Extemporâneas”, que encontramos situadas entre 1858 (época de sua formação secundária no Gymnasium) e 1876 (ano em que dá por destruída definitivamente sua relação com Richard Wagner [1813-1883]). Outra coisa é a orientação de uma teoria de Nietzsche para pensar a educação em geral ou a ideia de emancipação, formação, educação e cultura. Aqui elegemos como principal hipótese a análise da fórmula como tornar-se o que se é, que vai para além da juventude do filósofo - em direção do “filósofo do espírito livre”, do “filósofo da suspeita”, relacionando outros conceitos seus como “vivência”, “experimentação”, “autoformação” e “cultivo”. Deste modo, teoricamente, Nietzsche se situaria ao largo dos temas específicos e dos discursos aos estabelecimentos de ensino da Alemanha da época, intitulados propriamente como palestras, conferências, discursos de Nietzsche sobre educação. Isso poderia render importantes considerações para cada caso, importantes interpretações para cada metamorfose.

5. Considerações finais

⁴ Assim destaca-se, além de outros textos e autores importantes, a função estratégica da metáfora nos escritos de Nietzsche, conforme o texto de Maria C. F. Ferraz (2002) *Da valorização estratégica da metáfora em Nietzsche*. No entanto, sugere-se a função pedagógica da metáfora e do pensar como criação a partir de dois escritos principais: *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*, de 1873, que fala sobre a metáfora fazendo uso de metáforas, e *Assim falou Zaratustra* de 1883-85, em que o filósofo não mais escreve sobre a relação entre metáfora e o conceito, mas se utiliza de inúmeras metáforas para expressar filosoficamente o seu pensamento.

É certo que a tese é o que poderíamos reunir como subsídios para pensar as condições específicas do discurso sobre educação, uma teoria de Nietzsche sobre educação, bem como os subsídios pelos quais podemos produzir e criar uma “alegoria nietzschiana” para pensar a formação, a educação e a cultura (na nossa cultura latina americana), dentro das análises das metáforas do filósofo e do pensar como criação. Portanto, as configurações de cada texto são instauradas por estes subsídios, e são estes artefatos textuais que incentivam e justificam cada uma das construções. Ora, obviamente considera-se o uso da metáfora reinterpretando ao fundo a “frustração pedagógica de Zaratustra”, com os mesmos detalhes e reinterpretando os episódios do livro, por exemplo, onde Zaratustra se despede dos discípulos com uma “chuva de metáforas dadivosas”. Ressalta-se, dessa maneira, a importância pedagógica da metáfora a partir da sua própria perspectiva, justamente: de Zaratustra como um tipo de educador. Por isso, não confundir Zaratustra com o santo da floresta que aparece no Prólogo, quando o que temos em contrapartida é uma “frustração pedagógica” e a busca do “silêncio” e da “solidão”.⁵ E não é a metáfora uma margem de manobra, o enigma e o subtítulo da obra: o para todos e para ninguém?

6. Referências

MARTON, Scarlett. Silêncio e Solidão. In: GEN – Grupo de Estudos Nietzsche. **Cadernos Nietzsche**. 9. ed. São Paulo: Cadernos Nietzsche Unifesp, 2000. Cap. 4., p. 79-105. Disponível em: <<http://www.gen.fflch.usp.br/numeros/0110/09>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

⁵ Nietzsche/Zaratustra “ao dar-se conta da sua singularidade, tem ciência de que a sua solidão se radicaliza ainda mais” (MARTON, 2000, p. 92). É neste ‘canto noturno’ de *Assim falou Zaratustra* que Marton (2000) acentua e interpreta a radicalidade profilática da solidão no qual também podemos notar e interpretar a ‘frustração pedagógica’ de Zaratustra: “Ó desventura de todos os que dão! Ó eclipse de meu sol! Ó desejo de desejar! Ó fome ardente na saciedade! Eles recebem de mim: mas ainda toco a sua alma? Há um abismo entre receber e dar; e o abismo menor é o último a ser transposto. Uma fome nasce da minha beleza: gostaria de magoar aqueles que ilumino, gostaria de assaltar os que presenteio – assim tenho fome de maldade. Retirar a mão, quando para ela já se estende outra mão; igual à cascata, que vacila ainda na queda - assim tenho fome de maldade. Tal vingança imagina a minha plenitude, tal perfídia brota da minha solidão. Minha felicidade em dar morreu ao dar, minha virtude censou-se de si mesma em seu excesso! Quem sempre dá corre o perigo de perder o pudor; a quem sempre partilha formam-se, de partilhar, calos na mão e no coração. Meu olho já não se enche de lágrima ante o pudor dos que pedem; minha mão tornou-se dura demais para o tremor das mãos cheias. Para onde foram as lágrimas do meu olho e a penugem do meu coração? Ó solidão de todos os que dão! Ó silêncio de todos os que iluminam!” (NIETZSCHE, 2011, p. 101-102).

Revista GepeVida 2018

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Um livro para todos e para ninguém. Friedrich Nietzsche; Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ROCHA, Silvia Pimenta Velloso. Tornar-se quem se é: educação como formação, educação como transformação. In: MARTINS, Angela Maria Souza; FEITOSA, Charles; BARRENECHEA, Miguel Angel de (Org.). **Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação**. Rio de Janeiro: FAPERJ, UNIRIO; Brasília: CAPES, 2006. p. 267-288. Trabalho apresentado no V Simpósio Internacional de Filosofia Assim Falou Nietzsche.

STEGMAIER, Werner. **As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche**. Coletânea de artigos: 1985-2009. Org.: Jorge Luiz Viesenteiner e André Luis Muniz Garcia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. Fluir. In: KONERSMANN, Ralf (Org.). **Dicionário das metáforas filosóficas**. São Paulo: Loyola, 2012. p. 171-192. Tradução de: Vilmar Schneider; Nélio Schneider.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. **Nietzsche e a vivência de tornar-se o que se é**. Campinas, SP: Editora Phi, 2013. 326 p. (Filosofia alemã).

Recebido em dezembro de 2018.

Aceito em dezembro de 2018.